

TRANSMIGRAÇÃO DA ALMA E REENCARNAÇÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O HINDUÍSMO E O ESPIRITISMO

Paulo Ferreira Cavalcante¹

Maria Lucia Abaurre Gnerre²

Resumo:

Neste artigo, nos propomos a analisar o conceito de transmigração da alma no Hinduísmo com base nos ensinamentos do *Bhagavad-gita* e perceber como este conceito é interpretado em outro período histórico: o Espiritismo da segunda metade do século XIX, que apresenta o tema da reencarnação através do texto de *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec e de outras obras subsidiárias. Apresentaremos e interpretaremos o contexto histórico da época na qual estas obras vieram a lume. Objetivamos relacionar as semelhanças, divergências e ideias adicionadas a este conceito nestes dois contextos distintos (a Índia antiga e o Espiritismo moderno). Realizamos este trabalho, com a finalidade de estabelecer uma análise comparativa a respeito do entendimento do assunto, do ponto de vista destas duas filosofias.

Palavras chave:

alma; espiritismo; hinduísmo; reencarnação, transmigração.

Abstract:

In this work, we propose to analyze the concept of transmigration of the soul in Hinduism based on the teachings of *Bhagavad-gita* and see how this concept is interpreted in a different historical period: Spiritism in the second half of the XIX century, which presents the theme of reincarnation through the text of *The Spirits' Book* by Allan Kardec and other works subsidiaries. Present and interpret the historical context of the era in which these works came to light. We aim to list the similarities, differences and ideas added to this concept in these two different contexts (India ancient and modern Spiritism). We conducted this work, in order to establish a comparative analysis regarding the understanding of the subject, from the point of view of these two philosophies.

¹ Bacharelado em Ciências das Religiões pela UFPB. Bolsista de iniciação científica CNPq. Membro do Grupo Padma; e-mail: paulocavalcantecrufpb@gmail.com

² Pós-doutora em Ciência da Religião pela UFJF. Doutora e mestre em História pela UNICAMP. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. Líder do GP Padma; e-mail: marialucia.ufpb@gmail.com

Key words:

soul; spiritism; hinduism; reincarnation; transmigration.

Introdução

jatasya hi dhruvo mrtyur / dhruvam janma mrtasya ca / tasmadapariharye 'rthe / na tvam socitumarhasi.

“Para os nascidos, a morte é certa; e para os mortos, não há dúvida do nascimento. Portanto, você não deve chorar por essa inevitável consequência” (*Bhagava-gita*. II. 27).

Será que existe alma? Se sim, qual o seu destino após a morte? Será que ela retornará a nascer em outros corpos ou não? Muitos indivíduos preferem não pensar no assunto, vivem como se não fossem falecer um dia, ou sentem temor do desconhecido e evitam a temática fatal. Os materialistas afirmam que após a cessação definitiva dos batimentos cardíacos e a anóxia cerebral nada mais existe, a matéria orgânica que constitui o corpo irá se decompor, alma é ilusão, a inteligência provém apenas do cérebro. Outros admitem a existência de algo que sobrevive após a morte, e o seu destino no além-túmulo depende do sistema soteriológico de cada religião, céu, inferno, algum lugar no espaço espiritual é o que a aguarda. Mas existem os que creem na existência da alma, na vida depois da vida, que ela pode voltar e comunicar-se com os vivos, e também retornar a nascer em outras existências. Uma breve análise comparativa das tradições pertencentes a este terceiro grupo, especialmente o hinduísmo e o espiritismo, constitui o nosso objeto de estudo neste artigo.

Segundo o verso do *Bhagavad-gita* citado anteriormente, para quem está vivo existe a certeza da morte, e a alma liberta da matéria voltará a nascer. Querendo ou não, crendo ou descrendo neste conceito, segundo estes ensinamentos todos inevitavelmente estão presos neste ciclo de renascimentos, a roda do *samsara* por conta do *karma* (fruto das ações), até o momento em que o *atma* (alma) evolui espiritualmente e consegue a *moksa* (liberação) e liberta-se definitivamente. Este assunto da transmigração da alma, que faz parte da crença da maior parte da população da Índia e de outros países próximos é bastante conhecido no ocidente como reencarnação. A concepção indiana não corresponde exatamente a este termo cunhado, sobretudo no âmbito da tradição espírita que se desenvolve no século XIX. No entanto, existem importantes pontos em comum e outros pontos divergentes, que analisaremos mais adiante.

Crença na pluralidade das existências

Lançando o olhar sobre o passado, há indícios de que a sobrevivência da alma após a morte do corpo físico fazia parte da crença de algumas tribos paleolíticas. "O culto do fogo ligado ao das imagens antropomórficas e das pedras, bem como os cuidados com os cadáveres, são evidências a favor desta hipótese" (WERNET, 1948, p.73). Alguns historiadores e antropólogos aceitam a teoria de que os paleontropídeos acreditavam em um renascimento após a morte. Por exemplo, Mircea Eliade (grande pesquisador das ciências das religiões, que muito contribuiu para esta área do conhecimento) diz o seguinte: "Por outro lado, nada impede que a posição curvada do morto, longe de denunciar o medo de 'cadáveres vivos' (medo atestado em alguns povos) signifique, ao contrário, a esperança de um 'renascimento'; conhecem-se, com efeito, vários casos de inumação intencional em posição fetal" (ELIADE, 1978, p.27).

Aliás, é importante notar que este conceito de *renascimento após a morte* pode ser identificado em diversas culturas e em vários períodos da história da humanidade, citamos aqui: o Antigo Egito, a Grécia (apresentando-se destacadamente no Orfismo), em algumas tradições Judaicas (especialmente na Cabalah) e no Druidismo. No oriente destacam-se o Budismo, o Jainismo, o Confucionismo, o Taoísmo, e o Hinduísmo. Hodiernamente este conceito também é difundido a nível mundial, pelo Espiritismo (sendo o Brasil o país com o maior número de adeptos desta doutrina), o movimento Hare Krishna, a Teosofia, a Cientologia, a Igreja Católica Liberal, a Fé bahá'í, a Seicho-No-Ie, o Rosacruzianismo, a AGEACAC (Associação Gnóstica de Estudos Antropológicos e Culturais, Arte e Ciência) o movimento New Age e etc. Temos com denotada influência especificamente no Brasil, a Religião de Deus (Legião da Boa Vontade), a Eubiose, o Santo Daime, a Umbanda, a União do Vegetal e o Vale do Amanhecer que também propagam estes ensinamentos.

Estas questões que anteriormente faziam parte apenas de discussões fechadas nas denominadas sociedades secretas e que eram suprimidas pelas religiões dominantes de outrora, recentemente estão popularizando-se e vem ganhando espaço no campo acadêmico e passa agora a serem estudadas em laboratórios com métodos científicos.

Para não nos referirmos aos cientistas do passado, citamos os da atualidade como o Dr. Ian Stevenson (1918-2007), um dos pioneiros no estudo sobre a reencarnação dentro da academia. Também o Ph.D. Raymond Moody, autor do conhecido livro *Vida Depois da*

Vida.

A priori cético o arguto pesquisador Ph.D. Peter Fenwick neurologista do Kings College, em Londres, também dedica-se a investigar sobre o assunto. O Ph.D. Erlendur Haraldsson do departamento de psicologia da universidade da Islândia realiza pesquisas de campo, principalmente com crianças e jovens que afirmam lembrar-se de fatos de vidas transatas. O Ph.D. Sam Parnia, cardiologista da universidade de Southampton, Inglaterra, realiza o seu estudo com vítimas de experiência de quase morte (EQM) desde 1997, ano em que conseguiu autorização para entrevistar pacientes do hospital geral de Southampton. Ele tem como parceiro o já citado Ph.D. Peter Fenwick.

O representante de Parnia aqui no Brasil é o Pós- doutor. Alexander Moreira de Almeida, que é professor adjunto de psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, fundador e coordenador do NUPES (Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde da UFJF). Na USP, uma das maiores universidades do Brasil, em 1999 foi fundado no departamento de Psiquiatria, o Programa de Saúde, Espiritualidade e Religiosidade (ProSER) tendo como co-fundador o Pós-doutor Alexander Moreira de Almeida já referido anteriormente. Quem também pesquisa sobre esta área na USP é o Dr. Frederico Camelo Leão que inclusive, já realizou análises de campo em centros espíritas.

É claro que esses estudos não são vistos com bons olhos por parte da comunidade acadêmica, mas é necessário continuarmos em buscas de respostas que atendam aos anseios humanos. Realizamos este artigo considerando hipoteticamente a existência da pluralidade das existências, não com a finalidade de comprovação científica, mas fazendo uma análise dos ensinamentos e das crenças que permeiam o *Hinduísmo* e o *Espiritismo*.

Breve histórico do *Bhagavad-gita*

Esta obra de 700 versos “que remontam a uma tradição oral do século X a.C.” (GNERRE, 2011, p.65), está contida no *Mahabharata* no livro III, LXIII capítulo da obra.

Sua autoria é atribuída tradicionalmente a Vyasa, antepassado comum das duas famílias guerreiras que se enfrentam no poema. O autor é, pois, testemunha direta das atribulações que narra. Esta participação em primeira pessoa pretende sublinhar que a grande epopeia não é uma invenção literária, mas uma crônica de feitos divinos (ALBANESE, 2006, p.64).

O *Mahabharata* narra à fundação da terra dos *Bharata* (A Índia. Para os indianos eles moram em *Bharata*), e descreve a enorme “contenda entre os dois ramos da estirpe dos *Bharata*, os *Kauravas* da cidade de *Indraprastha* e os *Pandavas* de *Hastinapura*, que disputavam entre si a região de *Kurukshetra*, perto de *Thanesar*, ao norte de *Délhi*” (ALBANESE, 2006, p.65).

Segundo Fonseca (APUD GNERRE, 2011) a obra como conhecemos na atualidade teria sido consolidada aproximadamente no século II d.C. Muitas das fontes históricas deste período são atribuídas as obras do grego Arriano, que preservou e difundiu a narração escrita pelo almirante de Alexandre, Nearco de Soloi. Também se destaca a contribuição do grego Cláudio Ptolomeu.

Remontando ao passado da história indiana, segundo a indóloga Marília Albanese (2006), o último rei da dinastia *Shunga* morreu em 28 a.C. “combatendo o reino de *Andhra*, cuja capital *Amaravati*, foi sob a dinastia dos *Satavahanas*, um dos maiores centros culturais da Índia centro-meridional, até o século II d.C. (ALBANESE, 2006, p.51).” Novos invasores surgiram a partir do século II d.C na região noroeste: “os indo-gregos, e vários povos da estepe, como os *Shakas* (os citas), os *Pahlavas* (os partos) e os *Kushanas*, estes últimos de cronologia incerta. *Kanishka*, o maior de seus soberanos, patrocinou a escola de arte helenizante de *Gandhara*, bem como a mais indiana de *Mathura* (ALBANESE, 2006, p.51).” Esta época regida pela dinastia dos *Kushanas* é conhecida como controvertida. Esta dinastia foi perecendo sob os sucessores de *Kanishka*, restando pequenos estados, e se estabeleceu uma ausência no noroeste que facilitou o advento da dinastia Gupta. É neste contexto histórico que se consolida a obra citada anteriormente.

O *Bhagava-gita* narra um momento crítico da epopeia, a iminência do conflito entre *Kauravas* e *Pandavas*. Duryodhana líder dos *Kauravas* escolheu ficar com todo o exército de Krsna e Arjuna optou por ficar com Krsna como seu quadrigário.

É importante lembrar que a imagem da carruagem foi citada no texto da *katha upanisad*, e constituía uma importante metáfora: conduzir a carruagem era a alegoria da própria condução dos sentidos (cavalos) do corpo (a carruagem) através da razão (as rédeas). Mas, em última instância, o condutor da carruagem (a mente) deveria sempre estar em sintonia com o proprietário desta (o próprio atman). Assim, com todo este referencial simbólico associado à carruagem na cultura indiana do período, Krsna torna-se o condutor (auriga) de Arjuna. A condução da biga (carruagem) então pode ser entendida como uma alegoria da própria condição de Krsna,

amigo e mestre de Arjuna, que se revela o condutor do espírito humano, simbolizando pelo próprio Arjuna (GNERRE, 2011, p.66).

No momento em que deveria começar a batalha, Arjuna paralisa-se e com receio decide não lutar por que amigos, parentes e mestres seus estavam no outro lado do campo de batalha. Então Krsna o vendo nesta indecisão decide ensinar-lhe o *Dharma* (doutrina suprema), que extingue a ilusão e a ignorância. E são estes ensinamentos que encontramos no *Bhagavad-gita* e que servem de referência para a nossa análise.

Breve histórico de *O Livro dos Espíritos*

Este livro de 1857 que contém 1019 perguntas e respostas é a primeira obra basilar da doutrina espírita, que foi codificada por Allan Kardec na segunda metade do século XIX. Mas Allan Kardec é um pseudônimo, o seu verdadeiro nome era Hippolite Léon Denizard Rivail. Rivail nasceu em 03 de outubro de 1804 na cidade de Lyon, França. Este período histórico que foi consolidado após a revolução francesa de 1789, era influenciado pelos pensamentos iluministas de homens notáveis como Rousseau e Montesquieu. Também se destaca Napoleão Bonaparte, figura imponente.

Entre o final do século XVIII e início do século XIX (1799 a 1815), a política européia está centrada na figura carismática de Napoleão Bonaparte, um dos grandes chefes militares da História, administrador talentoso, que entre outras reformas civis, promulga uma nova constituição; reestrutura o aparelho burocrático; cria o ensino público; declara laico o estado; promulga o Código Napoleônico, que garante a liberdade individual, a igualdade perante a lei, o direito à propriedade privada, o divórcio e adota o primeiro código comercial (AMARAL, 1995, p.9852).

Em 1814 o menino Rival é matriculado pelos seus pais no instituto educacional de Johann Heinrich Pestalozzi, em Yverdon, Suíça. Este instituto era considerado a escola modelo da Europa e foi elogiado por pessoas de renome “como os naturalistas Humboldt e Saint-Hillaire e por personalidades tão diversas quanto Goethe, a amiga de Beethoven, Teresa de Brunszvik, o rei da Prússia, Frederico Guilherme 3º, o czar da Rússia, Alexandre 1º, e a futura imperatriz do Brasil, Leopoldina da Áustria” (AGUIAR, 2007, p.11).

Aos 18 anos ele já com o diploma de *instituteur* (diretor de escola secundária), vai morar em Paris na rua de la Harpe, 117. Ele começa a lecionar e escrever a sua primeira obra

para fins didáticos, *O curso prático e teórico de aritmética segundo o método de Pestalozzi*. Com o passar do tempo ele cria a sua escola técnica e publica mais obras voltadas para a educação. Ele casou-se com Amélie-Gabrielle Boudet, professora de belas-artes e letras. Rivail interessou-se pelo estudo do magnetismo embasado nos escritos de Mesmer, e tornou-se membro da Sociedade de Magnetismo de Paris atuando como magnetizador. Lecionou química, astronomia, fisiologia e física no Liceu Polimático de Paris.

No que tange a história este período também é influenciado pela revolução industrial, que se iniciou na Inglaterra em meados do século XVIII. Na música destaca-se o nacionalismo, nas composições de Wagner e Beethoven. A cidade de Paris vivia a efervescência política, cultural, artística e filosófica. Na literatura francesa destaca-se Victor Hugo e a sua obra mais popular *Os miseráveis*. E na França o movimento democrático mesclava literatura e política.

Assim, numerosos escritores se engajam na luta política e social, através de suas obras e ações. Desse modo, Lamartine e Victor Hugo são eleitos deputados, tornando-se o próprio Lamartine, que muito contribuiu para o advento da república, chefe do governo provisório (LAGARDE, 1964, p.7).

Vale salientar neste período as pesquisas dos orientalistas como Franz Bopp, que foi um linguista alemão e professor de sânscrito na Universidade de Berlim, conhecido pelo seu largo trabalho comparativo sobre as línguas indo-européias. Émile-Louis Burnouf, influenciou com as suas ideias o desenvolvimento do arianismo e da teosofia. Ele era professor na Universidade de Nancy na Faculté de lettres e também foi o autor de um dicionário sânscrito-francês. Temos também Friedrich Max Müller que foi mitólogo, orientalista e linguista alemão. Aluno de Émile-Louis Burnouf e Franz Bopp.

É nesse contexto que o fenômeno das mesas girantes, recebe lugar de destaque nas conversas, nos salões da alta sociedade, nas revistas e jornais. As pessoas se reuniam para obterem respostas através de pancadas que a mesas efetuavam no chão com uma das pernas, pois as mesmas levitavam, as pancadas também eram produzidas, como por socos de mão invisíveis sobre a mesa segundo os participantes destas reuniões. E condicionavam-se sinais para as respostas, por exemplo, uma pancada significava não e duas sim. Em outro método as mesas efetuavam pancadas referentes ao número correspondente da letra do alfabeto, as repostas eram dadas em um largo espaço de tempo. As perguntas feitas as mesas eram

frívolas, as moças perguntavam a idade com que iriam se casar, alguns aventureiros buscavam respostas que indicassem locais de tesouros escondidos e etc.

Foi no ano de 1854 que o professor Rivail tomou conhecimento pela primeira vez a respeito das mesas girantes. A priori as pessoas relacionavam as respostas inteligentes que as mesas davam a força do magnetismo. Informado sobre o assunto pelo amigo Fortier, Rivail replicou-lhe dizendo “só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé” (KARDEC, 2002, p.265).

Em maio de 1855 em companhia do amigo Fortier, Rivail presenciou pela primeira vez o fenômeno na casa da Sra. Planeimaison. Indagando a mesa quem é que respondiam as perguntas, logo veio à resposta esclarecendo que eram os espíritos daqueles que já viveram na Terra. O professor obstina-se pelo assunto e começa a estudá-lo. Os espíritos lhe informaram da sua missão de codificar uma nova doutrina baseada na ciência, filosofia e religião. Através de perguntas feitas a vários médiuns e respostas dadas por Espíritos Superiores em diversas partes do mundo e utilizando-se de métodos científicos na pesquisa ele começa a codificar esta doutrina. A posteriori, vem a lume em Paris no dia 18 de abril de 1857, em uma manhã primaveril na livraria do Sr. Dentu em Palais Royal, *O livro dos Espíritos*. Livro este contendo os princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade. A partir do lançamento desta obra Rivail irá assinar os livros espíritas com o pseudônimo Allan Kardec, desta forma separando as suas obras acadêmicas dos estudos espíritas. Aliás, este nome foi-lhe revelado pelo espírito Zéfiro, informando que Rivail em uma encarnação passada fora um sacerdote druida, vegetariano e adorador do deus da fraternidade Dispater na Gália, no tempo de Júlio César.

Nosso presente estudo também norteia-se nos ensinamentos desta obra.

Transmigração da alma e reencarnação

Já observamos aqui, que o conceito de múltiplos renascimentos é anterior ao Espiritismo, não é exclusividade desta doutrina. O que a doutrina espírita faz é trazer estes ensinamentos em uma nova linguagem e sob um ponto de vista mais moderno. Realizamos

esta afirmação através de uma comparação dos ensinamentos do *Bhagavad-gita* e de *O Livro dos Espíritos*.

Vamos observar como este tema se apresenta na primeira obra citada acima: “A alma não tem nascimento, ela é eterna, perpétua, primordial” (*Bhagavad-gita* II. 20). “Nunca houve um tempo em que Eu não existisse, nem tu, nem todos esses reis; e no futuro nenhum de nós deixará de existir” (*Bhagavad-gita* II. 12). Segundo o *Bhagavad-gita* a alma sempre existiu, ela não tem início nem fim. Já no contexto do Espiritismo, ela tem uma origem como podemos observar na 78ª questão de sua obra basilar.

Os Espíritos tiveram princípio ou existem, como Deus, de toda a eternidade? Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, ao passo que são criação sua e se acham submetidos á sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, é incontestável; quanto, porém, ao modo como Ele nos criou, nada sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio se por isto entenderes que, sendo eterno, Deus há de ter criado incessantemente. Mas, quando e como Ele criou cada um de nós, eu te repito, ninguém o sabe: eis o mistério (KARDEC, 2007, p.118).

Observamos aqui uma forte similaridade entre estes ensinamentos. O Espiritismo afirma que existe um momento em que as almas foram criadas, mas não se sabe quando. Verificamos concordância no tocante à continuidade da vida após a morte “Chamamos alma ao ser imaterial e individual que reside em nós e sobrevive ao corpo” (KARDEC, 2207, p.25). No *Bhagavad-gita* encontramos a assertiva que contribui com esta ideia “Saiba que aquilo que penetra o corpo inteiro é indestrutível. Ninguém é capaz de destruir a alma imperecível” (*Bhagavad-gita* II. 17).

Em referência a alma no pensamento *Hinduística*, Lucio Valera diz o seguinte:

Não é possível entender os conceitos da morte e o renascimento do Hinduísmo, sem saber a diferença entre a alma (atma) permanente e o corpo material temporário. A *Bhagavad-gita* explica a natureza da alma com a seguinte analogia: “Assim como o Sol ilumina sozinho todo esse Universo, do mesmo modo, a entidade viva, sozinha dentro do corpo, ilumina o corpo inteiro através da consciência” (*Bhagavad-gita* XIII. 34). A consciência evidencia concretamente a presença da alma dentro do corpo. Num dia nublado o Sol pode não estar visível, mas sabemos que ele está lá no céu, através da presença da luz solar. Analogamente, podemos não ser capazes de perceber diretamente a alma, mas podemos concluir que ela existe pela presença da consciência. Na ausência da consciência, o corpo é simplesmente um monte de matéria morta. Somente a presença da consciência faz com que esse monte de matéria morta possa respirar, falar, amar e temer (VALERA, 2012, p.3).

Encontramos também na questão 166^{ab} do *Livro dos espíritos* referência às múltiplas existências “A alma passa então por muitas existências corporais? Sim, todos contamos muitas existências” (KARDEC, 2007, p.168). Mais adiante na questão 166^{ac} “Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro; em outras palavras, que ela reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender? Evidentemente” (KARDEC, 2007, p.168) e na 172^a afirma-se que “vivemo-las em diferentes mundos” (KARDEC, 2007, p. 170).

No *Bagavad-gita* encontramos concepções semelhantes nos versos “Como, após jogar fora roupas desgastadas, um homem depois veste novas, então, após abandonar corpos inúteis, a alma aceita outros novos” (*Bhagavad-gita* II. 22). E em referência a transmigração da alma para outros planetas, temos o seguinte na tradução de Prabhupada: “Aqueles situados no modo da bondade (*sattva*) gradualmente elevam-se aos planetas superiores; aqueles no modo da paixão (*rajasah*) vivem nos planetas terrestres; e aqueles no abominável modo da ignorância (*tamasah*) descem para os mundos infernais” (*Bhagavad-gita* XIV. 18).

Mas afinal, o que prende a alma na roda do *samsara*? O *Espiritismo* esclarece que “A cada nova existência o Espírito dá um passo na estrada do progresso. Quando se despojar de todas as impurezas, não mais necessitará das provas da vida corporal” (KARDEC, 2007, p.168). Para os espíritas essas impurezas significam tudo aquilo que são opostos às virtudes, como a luxúria, apego aos bens materiais, vícios e prática de más ações. A reencarnação não é um castigo, é uma oportunidade que Deus concede as almas para se aperfeiçoarem, não é possível que em uma única existência, a alma possa aprender e vivenciar tudo que é preciso para se aproximar da divindade. A evolução se dá de duas formas, através do intelecto, adquirindo conhecimentos benéficos para a alma, e na prática destes ensinamentos. Por isso a bandeira da caridade, que não é simplesmente dar coisas, é o doar-se, amar, perdoar, ser indulgente e demais virtudes, faz parte dos ensinamentos espíritas.

Lucio Valera esclarece que no *Hinduísmo*:

Estas influências são causadas pelos *gunas*, ‘cordas’ ou modos da Natureza material. Eles são as três polaridades ou qualidades básicas constitutivas da Natureza material. Os *gunas* são: *rajas* – paixão, atividade ou expansão; *tamas* – ignorância, inação ou escuridão; e *sattva* – bondade, harmonia ou luz. *Sattva* conduz para cima, *rajas* mantêm no meio, *tamas* leva para baixo (VALERA, 2012, p.4).

O Espiritismo diverge com o Hinduísmo no tocante a encarnação em corpos de animais, justamente porque a reencarnação se dá apenas em corpos humanos e a transmigração da alma pode realizar-se em corpos humanos, animais e vegetais.

Vejamos o que diz Allan Kardec: “A encarnação dos espíritos ocorre sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal. As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas; mas a rapidez do progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição” (KARDEC, 2007, p.38-39). Vemos aqui, que para os espíritas este conceito da alma encarnar em um corpo animal é considerado um retrocesso, embora, eles acreditem que o princípio espiritual primeiro encarne no reino mineral, depois passando para o vegetal, animal e conquistando o raciocínio no estado hominal, sendo aí considerado alma. As ideias de Kardec estão também em sintonia com o pensamento positivista de sua época, para o qual a noção de progresso é algo fundamental, e por isso também esta possibilidade do *retrocesso ao animal* não é condizente com sua concepção.

No *Bhagavad-gita* o futuro nascimento da alma está relacionado ao apego dos gunas: “Quando alguém morre no modo da paixão (*rajas*), nasce entre os que se ocupam em atividades fruitivas; e quando morre no modo da ignorância (*tamas*), nasce no reino animal” (*Bhagavad-gita* XIV. 15). Para o Hinduísmo isto não é um retrocesso, mas apenas consequência das ações do indivíduo durante a sua vida.

Considerações finais

Observamos através de nossos estudos, que este tema da *transmigração da alma* apresenta-se em diversas sociedades e períodos históricos da humanidade. O *Espiritismo* e o *Hinduísmo* tem muitos pontos em comum, afinal, o *Espiritismo* bebe na fonte das antigas tradições religiosas para apresentar os seus ensinamentos, com novas ideias e conceitos, como no caso da *reencarnação*. Consideramos que este trabalho faz parte de um grupo de estudos pioneiros na academia brasileira na realização desta comparação destes conceitos que, para a maioria das pessoas, são a mesma coisa. Nosso objetivo aqui foi apresentar semelhanças, porém também pontuar diferenças. Nós apenas buscamos fazer uma introdução ao assunto, há muito mais a ser desdobrado no futuro.

Referência

- AGUIAR, Sebastião. Personagens que Marcaram Época, Allan Kardec. São Paulo: Editora Globo, 2007.
- ALBANESE, Marília. Índia Antiga. Barcelona: Folio, 2006.
- AMARAL, Jesus S. F. Enciclopédia Mirador Internacional. São Paulo: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1995.
- ELIADE, Mircea. História das Crenças e das Ideias Religiosas. Tomo I. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Religiões Orientais. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.
- KARDEC, Allan. Obras Póstumas. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- _____. O Livro dos Espíritos. Trad. Evandro Noletto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- LAGARDE, André e MICHARD, Laurent. XIX e Siècle, Les grands auteurs Français Du Programme. Paris: Editions Bordas, 1964.
- PRABHUPADA, A. C. Bhaktivedanta Swami. O Bhagavad-gita Como Ele É. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 2011.
- SARGEANT, Winthrop. The Bagavad Gita. Nova York: Excelsior Editions, 2009.
- VALERA, Lucio. Revista Religare V. 2. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.
- WERNERT, Paul. Histoire Générale des Religions. Tomo I. Paris: Quillet, 1948.